

PERSONAGEM DE NOVELA OU MULHER DA VIDA REAL?

Mediações culturais na conformação da identidade feminina¹

Lírian Sifuentes²

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões acerca do modo como embates e complementaridades entre a audiência da telenovela e as mediações família, escola e classe social conformam a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular. Os estudos culturais latino-americanos são adotados como modelo teórico-metodológico, especialmente a teoria das mediações culturais. A amostra é composta por 12 jovens entre 15 e 24 anos. O estudo configura-se como uma etnografia da audiência, composta por observação participante, entrevista e formulário sociocultural. A precariedade material, que cria condições de vida específicas, não as afasta da ambição da mulher da atualidade: querem ser profissionais bem sucedidas, mães zelosas e boas esposas. A telenovela, consumida cotidianamente, está relacionada a essas pretensões, pois apresenta os exemplos de “supermulheres” das informantes.

Palavras-chave: Identidade feminina; Classe popular; Telenovela

Abstract: This paper presents reflections about the conflicts and complementarities between the audience of telenovella and family, school and social class mediations in female identity constitution of working-class young women. The Latin American cultural studies were used as theoretical and methodological model, especially the cultural mediation theory. Participants were 12 female between the ages of 16 and 24. It was used an audience ethnography approach, composed of participant observation, interview and sociocultural form. The poverty, which creates specific life's conditions, doesn't separate these females of today's women ambitions: they want to be successful professionals, zealous mothers and good wives. The telenovella, consumed daily, is related to these claims, because it shows examples of “superwomen”.

Keywords: Female Identity, Working-class, Telenovella

¹ Versão anterior deste trabalho foi apresentada a VIII Reunión de Antropología Del Mercosur, realizado na cidade de Buenos Aires, Argentina, em setembro de 2009.

² Jornalista graduada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em Comunicação (UFSM). Bolsista Capes. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br.

1. Considerações iniciais

A problemática que norteia esta pesquisa pode ser resumida por meio da seguinte indagação: Qual o papel da telenovela e das mediações culturais na conformação da identidade feminina? Dito de outra forma, a intenção é investigar como os embates e complementaridades entre a audiência da telenovela e as mediações família, escola e classe social constituem a identidade feminina de jovens mulheres de classe popular.

O interesse em estudar as relações entre as apropriações da mídia e o gênero feminino baseia-se na comprovada insuficiência de pesquisas que abordem o gênero como categoria teórica e explicativa para a recepção televisiva no âmbito dos estudos culturais latino-americanos (Escosteguy, 2002). Ainda sobre a questão da mulher, consideramos necessário discutir os aspectos da dominação masculina no Brasil, a qual tem sido encoberta sob a capa das conquistas femininas. Especialmente nas classes populares, a submissão feminina permeia as relações homem-mulher.

Este trabalho alinha-se às teorias desenvolvidas pelos estudos culturais, pois para a corrente a “pesquisa de comunicação não é a que focaliza estritamente os meios, mas a que se dá no espaço de um circuito composto pela produção, circulação e consumo da cultura midiática” (Jacks; Escosteguy, 2005:39). Para Lopes, Borelli e Resende:

Os Estudos Culturais permitem uma problematização mais elaborada da recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas sim, de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. O pólo de reflexão é deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integradas em práticas sociais e culturais mais amplas (Lopes; Borelli; Resende, 2002:29).

As contribuições gramscianas com a reflexão sobre a hegemonia são fundamentais para apreender os sentidos da recepção. A dominação, seja da mídia sobre o público, de uma classe sobre outra, do homem sobre a mulher, etc., dá-se por um processo contínuo em que o dominador “seduz” o dominado. Escosteguy (2001:91) afirma que “o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci permitiu vislumbrar um movimento mais dinâmico e complexo na sociedade, admitindo tanto a reprodução do sistema de dominação quanto a resistência a esse mesmo sistema”.

No que se refere à metodologia deste estudo, os instrumentos de coleta de dados empregados são a entrevista em profundidade, o formulário sociocultural, a observação do espaço doméstico e a etnografia da audiência. Essa última está citada como uma

etapa à parte para discriminar o momento em que o pesquisador assiste à telenovela com os informantes. Entretanto, abrange toda a pesquisa de recepção da forma como a compreendemos, constituindo-se do conhecimento originado na descrição do contexto de apropriação da mídia e refere-se a “escrever a história do consumo midiático pelo exame da vida cotidiana, do bairro, da vizinhança, dos lugares da casa, de práticas sem registro, das ‘miniaturas’, é uma tentativa de observar os agentes sociais como produtores de sentido” (Ronsini, 2007:75).

A amostra da pesquisa é composta por 12 jovens mulheres com idade entre 16 e 24 anos moradoras do bairro Urlândia, localizado na periferia de Santa Maria-RS. A delimitação etária segue a divisão do IBGE, que define entre 15 e 24 anos a faixa em que estão inseridos os jovens brasileiros. A classificação das entrevistadas, pertencentes às classes baixa e média-baixa, foi definida mediante a metodologia da estratificação sócio-ocupacional (Quadros; Antunes, 2001), na qual a família é classificada a partir do membro melhor remunerado.

2. O estudo da recepção e a centralidade das mediações

Nos estudos culturais, a comunicação de massa é vista como integrada às demais práticas da vida diária e o interesse maior está nas relações entre textos, grupos sociais e contextos (Jacks; Escosteguy, 2005). Desse modo, a recepção é considerada um processo, no qual ocorre a interação receptor/ mediações/ televisão.

Pensando a comunicação a partir da cultura, Martín-Barbero (1987) desloca o estudo dos meios em si para concentrar-se no entorno, nos artefatos, ou seja, nas mediações. Essas configuram-se em articulações entre matrizes culturais distintas, e podem ser os meios, os sujeitos, os gêneros (televisivos) e os espaços (cotidiano familiar, trabalho, escola). Elas encontram sua razão de existir na fuga do dualismo, superando a bipolaridade ou a dicotomia entre produção e consumo (Jacks; Escosteguy, 2005).

Em “De los medios a las mediaciones” (1987), Martín-Barbero destacou as mediações cotidianidade familiar, competência cultural e temporalidade social. Aqui, trabalharemos com as noções de cotidianidade familiar e competência cultural. Para fazer uso dessas mediações de Martín-Barbero realizaram-se algumas adaptações para tornarem-nas metodologicamente manejáveis. Temporalidade social foi deixada de fora devido ao pouco desenvolvimento que esta mediação tem em trabalhos empíricos.

Na aproximação com o grupo estudado, família, escola e classe social destacaram-se, de maneira fundamental, na conformação da identidade feminina e na apropriação midiática das jovens. Por esse motivo, elegemos essas como as fontes principais de mediação. Além dessas, abordamos a telenovela como uma mediação essencial na constituição da identidade de gênero, pois transmite, diariamente, o que é ser mulher e quais comportamentos e ambições são permitidos à mesma.

Entende-se por cotidianidade familiar a “organização espacial e temporal do cotidiano em diferentes classes sociais, isto é, o *locus* da sociabilidade” (Ronsini, 2007:70), entende-se entre os sujeitos e a partir do qual são definidas as relações de poder. Assim como a família está presente na experiência diária e definitiva dos indivíduos, a escola, a classe social e a telenovela também compõem a cotidianidade dos jovens. Aquelas que pararam de estudar não entendem o distanciamento da escola como definitivo e têm presente as experiências escolares, tanto em seu cotidiano quanto em sua competência cultural. Dessa forma, a noção de cotidianidade familiar, de que fala Martín-Barbero, será apropriada como cotidianidade, abrangendo as mediações supracitadas.

Como competência cultural define-se as formas de pensar, agir e sentir a experiência social, resultantes, principalmente, de etnia, cultura regional, gênero e classe social as quais pertencem o ator social. A competência cultural, na teoria da reprodução social de Bourdieu, está relacionada com a categoria de *habitus* (Ronsini, 2007). Na análise do papel da classe social nos estudos de recepção da telenovela, o *habitus* de classe é a mediação estrutural que perpassa as demais. Souza ressalta que o *habitus* concretiza escolhas valorativas, culturais e institucionais, fazendo-as visíveis em carne e osso.

O conceito de *habitus* [...] permite tanto a percepção dos efeitos sociais de uma hierarquia atualizada de forma implícita e opaca – e por isso mesmo tanto mais eficaz – quanto a identificação do seu potencial segregador e constituidor de relações naturalizadas de desigualdade em várias dimensões, variando com o tipo de sociedade analisado (Souza, 2006:63).

Uma noção que acompanha os estudos culturais desde o início é a valorização da classe social como um elemento definitivo na experiência cultural, coerente com a influência marxista. Há, no entanto, uma preocupação em não usar a classe de forma reducionista. Sobre a “relatividade” da classe social, Escosteguy afirma que é

fundamental “compreender a cultura na sua ‘autonomia relativa’, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem reflexo, mas tem influência e sofre conseqüências das relações político-econômicas” (2001:60).

Para Martín-Barbero, “a recepção é parte tanto de processos subjetivos quanto objetivos, de processos *micro*, controlados pelo sujeito, e *macro*, relativos a estruturas sociais e relações de poder que fogem ao seu controle” (Martín-Barbero, 2002:14). É considerando esta necessária relação entre o micro e o macro que o próprio Martín-Barbero teoriza mediações como a cotidianidade familiar, que foca a pesquisa na família, na escola, no bairro, ou seja, nas relações interpessoais, e a competência cultural, que tem na classe social um fundamento.

Apesar de desempenharmos múltiplos papéis em nosso dia a dia – definidos pelo gênero, idade, profissão, etnia, religião, etc –, todos eles estão atravessadas pela classe social a que pertencemos, constituinte fundamental de nossas identidades. Martín-Barbero tece uma crítica a este nivelamento entre a classe social e outras mediações:

[...] a “marca” singular e hegemônica dos atuais estudos de recepção diz respeito ao “esquecimento da classe social” produzido pelo *nivelamento de todas as categorias*: etnia, gênero, idade, estrato social. É o processo mesmo de recepção que resulta *desestruturado*, sem fundamentação no “processo social de construção de sentido”. A diferença de classe, ainda que mediada pela multiplicidade de distinções introduzidas pela etnia, gênero, idade, entre outras, não é uma *diferença a mais*, mas, sim, aquela que articula as demais a partir de seu interior e expressa-se por meio do *habitus*, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida (Martín-Barbero, 2002:14).

A situação de classe é um aspecto fundamental de significação. Ronsini (2007) justifica o emprego do conceito de classe social em sua pesquisa afirmando que no plano empírico a classe permanece um princípio organizador da sociedade capitalista, da mesma forma que pauta diferenças profissionais, de renda, de educação, o acesso aos bens culturais e aos centros de poder. A autora ainda afirma que o uso do conceito parece ser ainda mais adequado em uma sociedade desigual e excludente como a brasileira. Ronsini, contudo, realiza uma distinção do modo como insere a classe social em suas observações e o sentido tradicional marxista: “As análises hodiernas não se encaixam na teoria das classes como uma teoria da luta entre duas classes antagônicas pelo monopólio dos meios de produção, pois admitimos que os conflitos não são pelo controle dos mesmos mas pela inclusão dentro do capitalismo” (Ronsini, 2007:48).

Mattos (2006) destaca a relevância da dimensão sociocultural da classe social, e não só do aspecto econômico, que normalmente é ressaltado através de variáveis como renda e escolaridade. É desta forma complexa que o uso da classe social nos estudos culturais parece mais coerente. Conforme Souza, a dominação de classe se reproduz cotidianamente e se faz permanente por meio de redes invisíveis de crenças compartilhadas, motivadas por representações como as que se fazem presentes nas telenovelas.

A versão moderna desta “ralé”, portanto, não é mais oprimida por uma relação de dominação pessoal que tem na figura e nas necessidades do senhor de terras e gente seu núcleo e referência. No contexto impessoal moderno, também periférico, são redes invisíveis de crenças compartilhadas pré-reflexivamente acerca do valor relativo de indivíduos e grupos, ancorados institucionalmente e reproduzidos cotidianamente pela ideologia simbólica subpolítica incrustada nas práticas do dia-a-dia que determinam, agora, seu lugar social (SOUZA, 2006:65).

A influência da posição de classe na telenovela brasileira da Rede Globo tem início na composição social dos produtores do programa (Hamburger, 2005), uma vez que autores e diretores oferecem ao público um repertório da classe média alta da qual fazem parte, legitimando e difundindo o modo de vida de uma parte pequena e privilegiada da sociedade. Almeida (2003) também constata a ênfase na vida das camadas médias e altas dos grandes centros urbanos no horário nobre da televisão. A autora afirma que a exposição diária desta realidade, distante para tantos, acaba se naturalizando, e cada vez mais moradores de vilas, favelas ou comunidades rurais conhecem e até mesmo passam a se identificar com a vida dos ricos apresentadas nas novelas. A inserção, na narrativa, de personagens de diferentes grupos sociais, faixas etárias e estilos de vida é um mecanismo para facilitar esse reconhecimento.

3. Telenovela e o feminino: o encontro de dois gêneros

A temática do gênero feminino insere-se nos estudos culturais na década de 1970, sendo a obra “Women Take Issue” (1978) a primeira publicação que realmente divulga os trabalhos Women’s Studies Group do Centre for Contemporary Cultural Studies. Para Hall, os estudos sobre gênero foram uma ruptura teórica determinante para os estudos culturais. “A intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os estudos

culturais. [...] É difícil descrever a importância da abertura desse novo continente nos estudos culturais” (Hall, 2003:208-209).

Diferentemente do que se nota nos estudos culturais anglo-americanos, no qual o feminismo é marcadamente relevante, na América Latina, a pesquisa que relaciona gênero e audiência ainda pode ser considerada inexpressiva (Escosteguy, 2002). O que se verifica com frequência é a mulher citada em estudos de recepção apenas como uma variável sócio-demográfica, e não como uma categoria teórica.

A própria pesquisa sobre a telenovela, produto que desde suas origens é considerado tipicamente feminino, demorou a ocorrer. O intervalo entre a exibição da primeira novela no Brasil – *Sua Vida me pertence* (1951) – e o primeiro estudo sobre o assunto – “Imitação da vida: pesquisa exploratória sobre a telenovela no Brasil” (Miceli, 1973) – foi de 22 anos (Borelli, 2001). Ainda hoje, quando buscamos estudos que relacionem telenovela e gênero feminino, nota-se a escassez de pesquisas no Brasil que façam uma reflexão teórica sobre essa relação. Mais comum é a apresentação de mulheres como amostra de estudos, no entanto, apenas como uma variável sociodemográfica.

Programa de audiência compartilhada por milhões de brasileiros cotidianamente, a telenovela tornou-se importante objeto de investigação. Para Martín-Barbero (2002: 15), a telenovela é definida como o “relato de uma “modernidade tardia”, a telenovela mistura a sagacidade do mercado – no momento de contar histórias que envolvem as maiorias – com a persistência de sua matriz popular, ativadora de competências culturais inerentes a ela”. Para Lopes (2004:125), essas “histórias narradas pela televisão são, antes de tudo, importantes por seu significado cultural. Como bem o demonstra o filão de estudos internacionais, a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão”.

Esse gênero teleficcional apresenta aberturas ideológicas no tocante às relações pessoais e oportuniza a discussão de assuntos considerados tabus. Ao mesmo tempo, não modifica o modelo vigente da família nuclear patriarcalista e o papel ocupado pela mulher na sociedade. Através dessa codificação negociada, notamos que a novela apresenta, portanto, inovações na abordagem de alguns temas, sem, no entanto, desmontar as estruturas vigentes. A televisão “ofereceria um discurso audacioso e atrevido, mas que na verdade estabelece os limites para essa nova mulher e cristaliza operações normativas já há tempos conhecidas (Meirelles, 2008:14). O padrão midiático da mulher atual é exposto por Hamburger:

[As telenovelas] valorizam tipos ideais de mulher que acumulam funções e responsabilidades, aproximando-se de um padrão perverso de supermulher, que seria livre para escolher ter poucos filhos, se relacionar com diversos homens ao longo da vida, questionar a autoridade patriarcal de pais e esposos (2005:153).

O sistema patriarcalista, segundo Castells, “é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar” (Castells, 2000:169). O autor assegura que estamos vivendo um processo irreversível de crise do patriarcalismo, intensificado nos últimos 25 anos, em que as mulheres adentraram com força no mercado de trabalho e lutam contra a opressão, em medidas diferentes dependendo do país e da cultura de que fazem parte. É importante ficar claro que essa crise tem relação com a libertação da mulher na sociedade, mas não significa o fim da dominação masculina. Assim como Castells levanta dados que demonstram as transformações no sistema familiar tipicamente machista, outras estatísticas comprovam as desigualdades de gênero que têm as mulheres como principais prejudicadas. E, por vezes, não há sequer consciência dessa subordinação, como mostra Bourdieu (2007), pois ela está nas entranhas das relações.

As conquistas femininas, dessa forma, não podem esconder as graves desigualdades que persistem. O próprio Castells, após provar por 100 páginas os avanços alcançados pela mulher, afirma que “o patriarcalismo dá sinais no mundo inteiro de que ainda está vivo e passando bem, apesar dos sintomas de crise que procurei salientar” (Castells, 2000:278).

4. As mediações família, escola e classe social

As condições econômicas do grupo pesquisado são bastante limitadas, refletidas em casas simples e pequenas, em que moram de duas a 10 pessoas; a maior parte das famílias não tem carro, apenas cinco possuem (modelos antigos); pais e irmãos, além das próprias garotas, têm baixo nível de escolaridade, normalmente expressos pelo ensino fundamental incompleto. As rendas familiares mensais variam de R\$ 400,00 a R\$ 1.600,00, sendo a média de R\$ 850,00. Considerando que as famílias são compostas por no mínimo dois e no máximo dez membros, a renda per capita varia entre R\$ 65,00 e R\$ 500,00, significando uma média de R\$ 186,00 mensais por pessoa entre as 12

famílias. Seis jovens são casadas, sendo que uma delas casou-se no civil e as demais moram com os companheiros sem vínculo legal. Cinco são mães: duas estão grávidas do primeiro filho; duas têm um menino; e uma tem dois filhos.

Apesar de seguirmos aqui a determinação do IBGE sobre juventude, que engloba pessoas de 15 a 24 anos, nota-se que para as entrevistadas não basta estar inserida nesta faixa etária para considerarem-se jovens. Duas entrevistadas, de 21 e 24 anos, não se entendem como jovens, visto as responsabilidades que possuem. Letícia afirma que ser jovem é sair e curtir, o que não faz há muito tempo. Já Paola considera que sua juventude acabou depois que ganhou seu filho, quando tinha 16 anos. Mãe há oito anos, diz hoje possuir diversos hábitos de “velho”, pois quando se compara às amigas da mesma idade, nota grandes diferenças, ilustrando com o exemplo de que enquanto elas se ajeitam para ir à balada, Paola faz pão para a família.

Dentre as 12 informantes, apenas três são brancas, as outras nove são negras³. Somente uma das entrevistadas trabalha, é babá. Entre as demais, somente duas nunca tiveram experiências profissionais, as outras já trabalharam em pizzaria, floricultura, mercado, empresa de telefonia, telemarketing e cuidando idosos, além das funções mais recorrentes entre as informantes, de empregada doméstica e babá. Seis estudam e as outras seis pararam de estudar. As que estão afastadas da escola pretendem voltar e concluir ao menos o ensino médio. Cursam desde a 5ª série do ensino fundamental até o a 2ª série do ensino médio.

Nota-se que o fim do ensino fundamental e o início do ensino médio são uma barreira para o grupo, especialmente quando enfrentam as dificuldades do ensino médio de uma escola estadual que, como elas dizem, é mais difícil que a escola municipal “da vila”. Outro impeditivo é a gravidez, que vem como um “balde d’água fria” sobre as pretensões de muitas. E as obrigações com os filhos não diminuem após os primeiros meses, mantendo-as afastadas da escola. A única entrevistada mãe que estuda atualmente tem um filho de oito anos e só conseguiu retomar os estudos após casar-se e contar com a ajuda do marido.

No entanto, mesmo as garotas que não tem filhos já reprovaram e afastaram-se da escola por algum período, evidenciando que os problemas escolares vão além da maternidade. É difícil precisar os motivos para as reprovações frequentes, mas o que se observa é que embora exista um discurso familiar da ascensão social pela educação, os

³ Para o IBGE, negros são tanto pretos quanto pardos. A raça/etnia não foi uma questão observada na formação da amostra da pesquisa. A determinação da raça foi feita por autodeclaração.

pais nem sempre priorizam que as filhas estudem, preconizando o trabalho ou a ajuda em casa. O exemplo familiar de poucos anos dedicados à escola também pode significar uma justificativa para o abandono ou desinteresse pela escola. Além disso, apenas duas jovens nunca trabalharam, o que reflete a necessidade de dedicação à outra função. Há ainda os problemas de doença na família, empecilho para o acompanhamento integral da escola. Por último, adversidades de ordem psicológica, como as ocasionadas por abuso sexual, abandono e perdas familiares, podem ser uma causa ainda mais complexa para os problemas escolares.

Os percalços, contudo, não as fazem desistir. As jovens que estão afastadas da escola ambicionam voltar e em nenhum momento demonstram em suas falas que podem não realizar essa vontade e desistir deste sonho, que está entre os maiores das entrevistadas. Esse desejo vai ao encontro do valor que dão ao estudo como forma de transformação de vidas e ascensão social. As garotas fazem uma relação direta e linear entre estudos completos, bom emprego e “ser alguém na vida”, sendo que o esforço pessoal perpassa toda trajetória bem sucedida.

As jovens reproduzem uma visão hegemônica da pobreza, que relaciona a posição social praticamente a uma escolha pessoal: há aqueles que optam por subir na vida, e para isso esforçam-se e, conseqüentemente, alcançam o que almejam; e aqueles que, por não merecerem, já que não se esforçam, seguem pobres.

Basta querê né? (Bruna).

É muito do esforço. Passa por muita coisa, depois tu chega lá e diz ‘bá, mas valeu a pena tudo que eu passei’ (Cauane).

Se tu tiver força de vontade, tiver esforço, tu consegue tudo na tua vida, nada é impossível. Tudo aquilo que tu quê, tu consegue, basta tu usá a tua cabeça (Emanuele).

Subir na vida depende da gente, depende do nosso desempenho (Lucielen).

É só querê e lutá, ir atrás que consegue, porque aquela pessoa que subiu na vida, ela subiu lutando, correndo atrás do que ela queria, e ela conquistô (Natália).

É possível discriminar aquelas que enfatizam causas individuais das que ressaltam causas estruturais para a pobreza. Considerando a visão hegemônica como aquela que atribui ao indivíduo total responsabilidade por sua situação econômica, duas entrevistadas demonstram uma visão dominante para o desemprego juvenil. Indo ao encontro do que Hall (2003) afirma, a maior parte (sete) executa uma leitura negociada

da pobreza, relacionando agentes individuais e estruturais. Outras três apontam apenas razões referentes à estrutura social ao desemprego dos jovens, efetuando uma decodificação opositiva.

Ronsini, Sifuentes e Neves (2007) destacam a prevalência de um modelo no qual a mídia contribui para a formação de uma ideologia meritocrática. Telenovela, família e escola colaboram para que os jovens acreditem na superação dos problemas sociais e na ascensão de classe social por intermédio de qualidades pessoais, como persistência e esforço. Neste modelo,

os receptores são estimulados a acreditar que a cidadania é o exercício da escolha individual e o bem-estar pessoal, consequência da habilidade para escolher, de forma que mazelas como a pobreza e o sofrimento são resultantes de decisões inadequadas (Ronsini; Sifuentes; Neves, 2007:157).

Galeano escreve algo semelhante ao refletir que a mídia colabora para aprofundar as desigualdades, (re)produzindo que a pobreza é um fracasso pessoal ou então uma fatalidade, e não fruto da injustiça. Condena, assim, os pobres, não a injustiça social. Os pobres são os incompetentes, prega o discurso dominante (Galeano, 2006).

5. Consumo cultural e apropriações femininas

O principal meio de comunicação consumido pelas jovens é a televisão. La Pastina (2006:35), observa que para muitos telespectadores a TV “é a principal, se não a única, fonte de informação”. Entre as entrevistadas, a reflexão do autor se confirma. Elas leem pouco jornal e não consomem revistas ou livros. Acessam pouco a internet e, quando o fazem, as páginas mais visitadas são as redes de relacionamento. O rádio, embora concorra com a televisão em tempo de consumo, serve somente para ouvir música.

Segundo as garotas, a típica mulher brasileira está representada nas novelas na figura de algumas personagens. A principal delas é *Maria do Carmo* (Susana Vieira), de *Senhora do Destino*, por sua alegria, autoestimo e por seu jeito guerreiro, próprio da brasileira. Outras mulheres características são: *Donatela* (Claudia Raia), de *A Favorita*, por ser sincera, batalhadora e simples; *Helena* (Cristiane Torloni), de *Mulheres Apaixonadas*, por estar sempre correndo para dar conta de tudo; *Cema* (Neusa Borges) e *Aída* (Totia Meirelles), de *Caminhos das Índias*, ambas mães que se desdobram para dar

o melhor para os filhos; e *Susana* (Carolina Dieckmann), de *Três Irmãs*, pois o namorado queria obrigá-la a se casar e cumprir suas ordens.

Nota-se que em comum entre essas mulheres está o espírito guerreiro, a persistência e a abnegação, características da mulher que vive para os outros. A mulher se ocupa em dar conta, da melhor forma possível, dos mais diversos aspectos da vida de sua família e da sua própria, conforme o modelo de supermulher citado anteriormente.

Para Mattos, essa concepção do gênero feminino não trouxe as vantagens pretendidas pelas mulheres. O que se deu foi uma masculinização do feminino.

As mulheres não parecem ter descoberto uma forma expressiva de vivenciar sua condição, colocando em xeque os pontos centrais da dominação, mas sim, parecem ter tomado o modelo masculino como o modelo a ser seguido. Desta maneira, não se toca na estrutura da dominação, mas se luta para deixar de ser o pólo dominado para passar a ser o pólo dominante (Mattos, 2006:158).

Ter muitas responsabilidades e dar conta de muitas tarefas, como o trabalho, os filhos e a casa, é a principal representação da mulher atual. As garotas lidam com isso de forma ambígua, pois ao mesmo tempo que demonstram uma admiração por esse modelo, sabem a sobrecarga que isso acarreta. Nenhuma expressa o desejo de ser dona de casa, pois relacionam a função à dependência do marido, à rotina e à falta de valorização pessoal. O trabalho remunerado, de maneira contrária, vincula-se ao orgulho e ao reconhecimento. No entanto, ter sua profissão não significa necessariamente uma independência financeira, e sim uma não-dependência. A diferença se nota porque as entrevistadas falam que trabalhando terão dinheiro para comprar alguns produtos para si e ajudar em casa, mas ainda pensam que o marido será o provedor do lar. Camila é a exceção, pois considerada que a mulher que trabalha fora “já se manda, é dona do próprio nariz, por ela tê um serviço, por ela trabalhá fora”.

Mesmo que não almejem ser dona de casa e possuam ambições profissionais, percebe-se a reprodução de valores tradicionais, referentes à beleza, sexualidade e, fundamentalmente, à maternidade. O mito do amor materno (Badinter, 1985) é dominante entre as garotas. Cauane e Natiele são as únicas entrevistadas que não demonstram o grande desejo de casar e ser mãe, planejam somente realizações profissionais/financeiras para o futuro. Em relação a Cauane, uma hipótese para esse sentimento diz respeito aos problemas recentes com o ex-namorado, que a ameaçou de morte após o fim do namoro, obrigando-a a mudar de telefone, bairro e escola. Natiele

não foi registrada pelo pai e nem o conhece, e recentemente perdeu a mãe vítima de AIDS. Ademais, refere-se aos exemplos negativos de relações homem-mulher que conheceu na família e que não pretende reproduzir.

6. Considerações finais

A construção da identidade feminina é compartilhada pelas diversas instituições sociais. Família, escola, classe social e telenovela somam-se nesta função. Os exemplos da família, contudo, são exatamente os que não as entrevistadas não querem seguir, pois concretizam a submissão, de esposas que servem aos maridos, que dependem do dinheiro que lhes dão, que não estudaram e não conseguiram ascender socialmente.

Neste sentido, surge a escola como meio pelo qual podem chegar ao que almejam para suas vidas. A visão hegemônica da pobreza lhes ensina que o esforço pessoal, a educação formal e o bom emprego são o caminho para a ascensão social. Nesta trajetória, não está incluída a maternidade. No entanto, realidade para cinco delas, o percurso é adaptado e os desejos adiados quando se é mãe, o que não significa a desistência dos sonhos e o desaparecimento da esperança.

A televisão inspira os principais sonhos: a conquista de uma condição social melhor, através do estímulo a lutarem pelo que desejam, conforme os exemplos vitoriosos apresentados na mídia; o desejo de terem casas e bens de consumo como a novela oferece; ter uma família feliz e harmônica, uma realidade às vezes distante da delas, mas que, certamente, gostariam que não fosse.

Percebe-se que o ideal de ser mulher, para as receptoras, está presente nas representações da mulher na telenovela. As heroínas, as “supermulheres”, as “mulheres fortes”, que não deixam de seguir os papéis tradicionais femininos, são o padrão entre as protagonistas contemporâneas e a aspiração das garotas.

A classe social é o maior impeditivo para realizarem suas ambições de vida. Relacionados preponderantemente às classes populares, o atraso na escola, a gravidez na adolescência, a falta de estrutura familiar, sem um pai presente e as dificuldades de sustento no dia a dia são as pedras no caminho dessas jovens.

Mesmo assim, a admiração por essas mulheres ideais não se mantém apenas na contemplação, querem também “dar conta de tudo”. No caso delas, o que lhes falta, dentro desse modelo, é especialmente uma profissão da qual possam se orgulhar. Para Mattos (2006), as mudanças ocorridas nos últimos tempos que resultaram em uma

“nova mulher” são, sobretudo, vivenciadas pela classe média e atingem de forma residual as classes populares. Além disso, a autora destaca que nem mesmo para a classe média isso significa uma transformação na base das relações entre os gêneros, propiciando autonomia, mas sim uma mudança de superfície.

A identificação com as personagens das novelas é parcial, porém existe. Mulheres guerreiras e humildes são o que há em comum entre as da ficção e elas. No entanto, o que mais se ressalta, como o exposto aqui, é uma projeção, não propriamente uma identificação. Querem ser o que veem.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Telenovela, consumo e gênero: “muitas mais coisas”*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BORELLI, Silvia Helena Simões. *Telenovela brasileira: balanços e perspectivas*. **XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**. Campo Grande, set., 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografia dos Estudos Culturais. Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias*. In: **CIBERLEGENDA**, <http://www.uff.br/mestcii>, n 7, 2002.

GALEANO, Eduardo. A caminho de uma sociedade da incomunicação? In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora. Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAMBURGER, Esther. *O Brasil Antenado. A sociedade da novela*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Comunicação e Recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LA PASTINA, Antonio C. Etnografia de audiência. Uma estratégia de envolvimento. In JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa (Org.). *O que sabemos sobre as audiências?: estudos latino-americanos*. Porto Alegre: Armazém Digital, p.27-43, 2006.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização. In: _____ (Org.). *Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 121-137.o

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 153-196.

MEIRELLES, Clara Fernandes. *Telenovela e relações de gênero na crítica brasileira*. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal, 2008.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. *Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa*. **Cadernos do CESIT**, n. 30, out. 2001.

RONSINI, Veneza Mayora. *Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RONSINI, Veneza Mayora; SIFUENTES, Lírian. *Os usos da telenovela: anotações sobre a leitura da desigualdade social brasileira*. In: Congresso Ciências, Tecnologías y Culturas. Santiago do Chile: Usach, p. 1-16, 2008.

SOUZA, Jessé. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica. Um diálogo crítico com Florestan Fernandes. In: _____ (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.